

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISE: AS MUDANÇAS NO COTIDIANO FEMININO DECORRENTES DA SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Marilza Elias Cabral Jacob¹

Luciana de Queiroz Ferreira²

¹ Graduando do curso de psicologia no Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro/SP.

² Docente do Centro Universitário do Vale do Ribeira - Registro/SP.

RESUMO

Esta revisão bibliográfica se propôs a evidenciar as mudanças pelas quais a sociedade contemporânea está passando no âmbito do trabalho, ocasionadas pela inserção da mulher no contexto trabalhista através da análise de diversos aspectos, tanto negativos quanto positivos, relacionados a essa inclusão, considerando os impactos nas relações sociais, interpessoais, e familiares, e o acúmulo das tarefas laborais atribuídas nesse contexto às mulheres, que podem gerar sobrecargas físicas e psíquicas.

Refletimos sobre as consequências do trabalho no cotidiano da mulher brasileira sob a perspectiva da psicologia do trabalho, apoiando-se na psicologia social e da saúde. Discorremos sobre o cenário brasileiro, no qual a mulher em muitos casos ocupa um lugar inferior aos homens em termos de status, valorização social ou remuneração. Este estudo também realizou uma breve reflexão sobre as transformações que influenciaram o cotidiano desta, bem como as mudanças relacionadas ao seu papel social ao longo da história.

O estudo possui relevância devido a necessidade de uma análise do fenômeno social e cultural da desigualdade que permeia a sociedade trabalhista brasileira e que tem impacto direto nos aspectos sociais, profissionais, familiares e emocionais na vida da mulher brasileira, bem como sua saúde de maneira integral. Tal desigualdade precisa ser explicitada com a finalidade de promover uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: mulher; trabalho; gênero; família; sofrimento psicológico.

ABSTRACT

This literature review aims to highlight the changes that contemporary society is going through in the field of work, caused by the insertion of women in the labor context through the analysis of several aspects, both negative and positive, related to this inclusion, considering the impacts on social, interpersonal, and family relationships, and the accumulation of work tasks assigned to women in this context, which can generate physical and psychological burdens.

We reflect on the consequences of work in the daily life of Brazilian women from the perspective of work psychology, based on social and health psychology. We discuss the Brazilian scenario, in which women, in many cases, occupy a lower place than men in terms of status, social value or remuneration. This study also carried out a brief reflection on the transformations that influenced her daily life, as well as the changes related to her social role throughout history.

The study is relevant due to the need for an analysis of the social and cultural phenomenon of inequality that permeates the Brazilian labor society and that has a direct impact on social, professional, family and emotional aspects in the life of Brazilian women, as well as their health in an integral way. . Such inequality needs to be made explicit in order to promote a more egalitarian society.

Keywords: woman; Work; genre; family; psychologist suffering.

O trabalho ocupa um papel primordial na vida do indivíduo, afetando até mesmo sua saúde física e mental, já que, pode ser incluído entre os principais fatores que ajudam a construir a subjetividade e está estritamente ligado à realização e ao prazer, bem como pode acarretar sofrimento, e este, por sua vez, pode se converter em enfermidade (MERLO et al., 2014 apud SILVA et al., 2017).

Para Dejour (2004 apud SILVA et al., 2017) a gratificação do trabalho ultrapassa a monetária, oferecendo também ao trabalhador uma recompensa social, dando-lhe condições de possuir direitos sociais e a sensação de pertencimento a um grupo. Além disso:

O trabalho tem uma função estruturante nos processos de subjetivação do indivíduo, tendo também significados psicológicos que formam e transformam a identidade. Esta constituição subjetiva se dá no intercâmbio relacional que os homens estabelecem entre si, gerando também uma divisão social do trabalho decorrente do aumento da população e conseqüentemente da produção. A maneira como a sociedade se organiza para o trabalho é que irá determinar a atividade de cada indivíduo; e os modos de produção contemporâneos trará impactos diretos na relação homem-trabalho, bem como nos processos de subjetivação do trabalhador (COSTA, 2018, p. 439).

Por outro lado, o trabalho feminino apresenta características diferenciadas em que as mulheres se envolvem em atividades laborais, tarefas domésticas e assistência à família. Essas atividades e funções muitas vezes não são reconhecidas porque não estão constituídas como atividades remuneradas (NOGUEIRA, 2006). O trabalho feminino existe desde o início da história humana, embora a estrutura social patriarcal restrinja as mulheres a uma posição de obediência e dominação (PERROT, 2005 apud COSTA, 2018).

A casa no período colonial tinha o significado de uma espécie de honra que precisava ser protegida, já que era um lugar importante para a criação dos filhos, isso dava às mulheres uma grande responsabilidade de cuidar da família e deste ambiente, enquanto os homens monopolizam as relações políticas, sociais e negócios (RAGO, 1985). Com isso, a mulher passa a viver uma vida voltada para os outros, pois é obrigada a se concentrar apenas nas tarefas domésticas, marido e filhos, não em si mesma. Esta prisão é baseada na falta de poder da mulher, já que dependia do marido legal, moral e financeiramente. (ROCHA-COUTINHO, 1994). Vale ressaltar que a exploração da mulher no âmbito familiar não é considerada trabalho, pois o termo só se aplica a atividades remuneradas (COSTA, 2018).

Porém, com as Guerras Mundiais, que levaram diversos homens para os campos de batalha, as mulheres começaram a ser chamadas para executar as tarefas antes exclusivamente masculinas, trabalhar fora de casa, ocupando espaços há muito privados. Mas, com o fim dos conflitos, as mulheres eram expulsas novamente para os ambientes domésticos, que delas necessitavam com suposta urgência (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012 apud COSTA, 2018).

Os valores tradicionais começaram a se desintegrar na década de 1980, com a crescente inserção das mulheres no contexto trabalhista, abalando o atual modelo de família.

Esse foi o resultado da intensificação da luta pelos direitos das mulheres nos anos 1970, que reivindicavam lugar no mercado de trabalho, igualdade salarial e divisão das tarefas domésticas (COSTA, 2018). Apesar de muitas conquistas, a desigualdade entre os sexos ainda existe.

O trabalho é a maior conquista da mulher moderna, mesmo que não resolva todos os problemas que envolvem a mulher, representa uma forma de emancipação e realização pessoal, que faz com que as pessoas percebam a importância de suas contribuições econômicas e valorizem-na como um ser humano relevante socialmente. (COSTA, 2018).

Como apontado por Dejours (1999), o trabalho é parte estruturante da identidade pessoal e pode ser fonte de felicidade, desde que reconhecido e valorizado. Além disso, o trabalho tem uma conexão inerente com todos os aspectos da vida contemporânea, como o cotidiano pessoal, as relações interpessoais, os grupos sociais, e até mesmo a forma de se comportar e se apresentar, além de tornar o indivíduo um consumidor em potencial (COELHO, 2002 apud COSTA, 2018).

Atualmente, com a possibilidade de conseguir sucesso e realização através de si mesma, a mulher, que antes só buscava o sucesso através da participação na vida de outrem, teve uma mudança radical de comportamento (ANDRADE, 2012). Atualmente, as mulheres conciliam responsabilidades profissionais, domésticas e familiares. Todavia, mesmo que as inúmeras conquistas tenham significado uma maior autonomia, o trabalho também manifesta seu lado maléfico, contribuindo para as tensões que afetam os comportamentos e modo de vida feminino (COELHO, 2002 apud COSTA, 2018).

Na contemporaneidade, as mulheres são levadas a adotarem um estilo de vida desgastante, já que tentam suprir todas as necessidades familiares e domésticas, além das laborais. Conciliar tais afazeres é um desafio, que acaba se tornando fonte de estresse, pressão e ansiedade constante. Insta frisar que o suposto “tempo livre” da mulher é geralmente ocupado de tarefas domésticas e maternas (ÁVILA; PORTES, 2012).

Essa dupla jornada traz a tona o cansaço, uma vez que, por serem tidas como responsáveis pelos trabalhos domésticos, não conseguem dividir igualmente as tarefas do lar, além de lidarem com o sentimento de culpa e incapacidade, proveniente das demandas excessivas de atenção vindas da família, o que gera a frustração, já que conciliam suas obrigações da melhor maneira que conseguem (ÁVILA; PORTES, 2012). A situação pode ser ainda mais exaustiva se adicionada à vida acadêmica, o que configura uma tripla jornada.

Apesar da sobrecarga, as mulheres não querem retroceder novamente à esfera exclusiva do lar, tentando assiduamente conciliar tudo. Conquanto, existe certo sentimento de perda vindo da falta de tempo para a família, isso, junto com o esgotamento físico, gera um permanente sentimento de culpa (COSTA, 2018).

Com isso, o corpo da mulher começa a manifestar, como uma estratégia de defesa, a dor, que visa indicar que tem algo errado nas condições de trabalho; já que, consoante à Dejours e Abdoucheli (1994), se torna um sofrimento patológico aquele que não consegue se transformar, o que pode acarretar problemas psíquicos e somáticos, como uma forma de expressão do corpo.

Dejours (1994), ainda aponta que o sofrimento provoca estratégias defensivas, que agem sobre a percepção da realidade, tornando-a mais aceitável, e, como funciona a um nível grupal, proporciona uma segurança maior do que as defesas individuais, uma defesa interiorizada. Por outro lado, uma estratégia coletiva de defesa depende integralmente de fatores externos. Essas defesas, apesar de essenciais para a saúde do trabalhador, podem se tornar negativas, uma vez que tem o potencial de deter as mudanças no contexto do trabalho e alienar o sujeito (MENDES, 1996).

O trabalho feminino e todas as suas demandas acabam por deixar a mulher constantemente instável e angustiada, manifestando em conflitos psíquicos, que podem se transformar em somatização. Os malefícios das duplas e triplas jornadas da mulher podem ser facilmente vistos, uma vez que fenômenos somáticos afetam majoritariamente mulheres (HELOANI; CAPITÃO, 2003 apud TSCHIEDEL & TRAESEL, 2013). Este fato não se relaciona exclusivamente às respostas biológicas, mas também às desigualdades sociais entre os sexos, que chegam a atingir o trabalho (LEITE; SILVA & MIRIGH, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, insta realçar que a visibilidade do sofrimento e do adoecimento decorrente do trabalho se faz indispensável, ajudando também a frear a exclusão e discriminação daquelas que dela sofrem.

Ficou evidente no decorrer desta revisão bibliográfica que a sociedade contemporânea está passando por uma fase de transição, onde a mulher vem se apoderando dos espaços políticos, culturais e econômicos, porém, no âmbito profissional falta muito para a igualdade entre os gêneros, pois prevalece a crença que a mulher deve ser passiva e viver em benefício do lar.

Também é visível a contradição na qual grande parcela das mulheres brasileiras encontram-se atualmente, já que, mesmo o trabalho constituído se de uma inegável fonte de autonomia também é fonte de diversos conflitos, que podem impactar negativamente sua saúde. As brasileiras mesmo constituindo-se como parte significativa do mundo produtivo, e da composição da renda familiar, permanecem em sua maioria, tendo responsabilidade exclusiva e não compartilhada diante das tarefas domésticas, e também ainda ocupam cargos mais baixos recebendo remuneração menor que as pessoas do sexo oposto (COSTA, 2018). A presente pesquisa concluiu que é de extrema importância uma maior conscientização e valorização das tarefas executadas pelas mulheres. Também ressaltamos que é essencial uma melhor distribuição das tarefas domésticas dentro do contexto familiar, o que ajudaria na construção de uma sociedade mais justa, não somente no contexto social, mas em todos os contextos.

Em última análise é indispensável ressaltar a necessidade de mais produções sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Silvana R. **“Eu sou uma pessoa de tremendo sucesso”:** **representações, identidades e trajetórias de mulheres executivas no Brasil.** Orientadora: Angela de Castro Gomes. 2012. 238 f. (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro- RJ, julho de 2012. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10378/Tese%20-%20Silvana%20Rodrigues%20de%20Andrade%20-%20setembro%202012.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. >Acesso em: 27 de junho de 2021.

ÁVILA, Rebeca C. PORTES, Élcio A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis- SC, 20(3): 384 p. 809-832 setembro-dezembro/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300011>. Acesso em: 27 de junho de 2021.

COSTA, Fabiana Alves Da. **Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares.** *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, [s.l.] v. 3, (n. 6), p. 434 -452, 12 set. 2018.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo-SP: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho.** São Paulo-SP: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro-RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LEITE, Patricia Campos; SILVA, Arlete; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa. **A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho.** *Revista da Escola de Enfermagem - USP*, São Paulo, v. 41 ,n. 2, p. 287- 291, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reensp/a/HSWYcZknsnMHS8YSMgnBZw/abstract/?lang=pt#> >. Acesso em: 29 jun. 2021.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Comportamento defensivo: uma estratégia para suportar o sofrimento no trabalho.** *Revista de Psicologia da UFC*, Ceará, v. 13-14, n. 1-2, p. 27-32, 1996. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11111> >. Acessos em 29 jun. 2021.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. **Os discursos das mulheres em posições de poder.** *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo , v. 9 (n. 2), p. 57-72, dez. 2006. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2021.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SILVA, J. O. da; FERREIRA, S. K. de A.; SILVA, S. F.; BERGAMINI, G. B.; SAMUELSSON, E.; JONER, C.; SCHNEIDER, L. F.; MENZ, P. R. **A correlação existente entre o estresse no ambiente de trabalho e doenças psicossomáticas**. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 177-191, 2017. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/552>. Acesso em: 13 nov. 2020.

TSCHIEDEL, R. M.; TRAESEL, E. S.. **Mulher e dor: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro-RJ, Brasil, vol. 13, n. 2, p. 611-624, janeiro de 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844511012>>. Acesso em: 27 de junho de 2021.